

## História\*

Jean-François Marmontel

História. Cícero<sup>1</sup> a definiu: “O testemunho dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a escola da vida, a mensageira da Antiguidade” (De Or. I. 2). Temos aí nada mais do que o desenvolvimento da ideia que todos possuímos, ao menos confusamente, deste grande meio de ligar pela lembrança as gerações e as eras. Mas o quanto esta ideia se torna mais sensível a todos os espíritos, e de quanto reconhecimento não nos comovemos pelos serviços que as letras prestam ao gênero humano, quando passamos os olhos pelo quadro de sua existência?

Vemos inicialmente o mundo inteiro coberto de trevas impenetráveis, e as nações espalhadas pela superfície da terra, não apenas desconhecidas umas para as outras, mas desconhecidas para si próprias, a passar sem deixar vestígios, e a se precipitar sucessivamente de era em era, neste imenso abismo do esquecimento.

318

Vêm os tempos em que o Egito, a Fenícia, a Caldéia, inventam a arte de conservar de sua existência passada alguns traços de recordação. O pequeno povo da Palestina possui também, nos livros santos, os títulos de sua origem e o relato de suas aventuras. Mas esses primeiros luars da *história* iluminam aqui e ali apenas alguns pontos isolados do espaço. É somente quinhentos ou seiscentos anos depois de Moisés e Josué que, nos poemas de Homero, a *história* começa a propagar alguma claridade falha e duvidosa sobre a Grécia, sobre a Frígia,<sup>2</sup> e sobre as costas do Oriente; e ainda cinco séculos se passarão antes que a própria Grécia brilhe com mais fulgor.

É aí que ela aparece enfim como um astro cujos raios se estendem sobre regiões distantes. É através dos gregos que o Egito é conhecido; e ao mesmo tempo em que seus exércitos penetram na Ásia, a *história*, que os acompanha, revela ao mundo o segredo da existência dos impérios que, do Nilo ao fundo do Euxin,<sup>3</sup> sucederam-se um ao outro, sem que nem seu esplendor, nem o ruído de sua queda tenha ainda advertido a Europa dessas grandes revoluções. Mas enquanto os empreendimentos de Xerxes, a campanha de Xenofonte,<sup>4</sup> as

\* Publicado originalmente em MARMONTEL, Jean-François. Histoire. In: \_\_\_\_\_. *Éléments de Littérature*. Paris: Verdrière Libraire, 1787. Traduzido de MARMONTEL, Jean-François. Histoire. In: \_\_\_\_\_. *Éléments de Littérature*. T. III. Paris: Verdrière Libraire, 1825. p. 42-82. Tradução e notas de Daniela Kern.

<sup>1</sup> *Marcus Tullius Cicero* (103 a.C.-43 d.C.): advogado, filósofo e homem de estado romano, foi um grande orador e defendia o regime republicano. Entre suas obras, destacam-se as *Verrinas* (sete discursos contra Verres), as *Catilinárias* (discursos contra Catilina), os tratados filosóficos *Res Publica*, *De Legibus*, *De Natura*, e tratados sobre oratória como *De Oratore*. É especialmente admirado pelos Enciclopedistas.

<sup>2</sup> *Frígia*: antigo reino fundado no século VIII a.C. e situado no centro-oeste da Anatólia, atual Turquia. Após ser invadida e destruída por cimérios em 690 a.C., a Frígia foi dominada por vários povos, dos persas aos romanos.

<sup>3</sup> *Euxin*: o atual Mar Negro, situado entre o sudeste da Europa e a Ásia Menor.

<sup>4</sup> *Xerxes* (c. 519-c. 466 a.C.): filho de Dario, rei persa que havia perdido para os gregos, em 490 c.C., a

guerras de Alexandre, dão a conhecer a Pérsia e a Índia, o vasto continente do Norte resta coberto por uma profunda noite; e os Bretões, os Germanos, os Galeses, apenas sabem do passado o que lhes foi transmitido nas canções de seus poetas. “Carminibus antiquis”, diz Tácito,<sup>5</sup> “quod unum apud illos memoriae et annalium genus est” (De Morib. Germ.).<sup>6</sup>

As letras passam pela Itália. Os conquistadores do mundo aprendem a pintar os usos, os hábitos, a disciplina, o gênio das nações; e não somente a Itália, a sede de sua dominação, se torna ilustre em seus anais, mas tudo aquilo que por eles foi submetido tem pelo menos a triste vantagem de participar de sua celebridade. Eles devastam e eles descrevem; e à medida que os Cipiões derrubam Numância e Cartago, que Marius bate os Numidas, que Lucullus e Pompeu estendem as conquistas dos Romanos na Ásia, que César subjuga os Galeses, que os exércitos de Augusto reduzem a Dácia e Pártia e submetem a Germânia, que os de Tito, conduzidos por Agrícola,<sup>7</sup> forçam os Bretões em seus últimos asilos, a *história*, que parece marchar logo atrás dos exércitos, ilumina os campos de batalha e, entre os estragos e os escombros, observa os hábitos das nações vencidas, e recolhe os monumentos que atestam sua antiguidade.

Quando por sua vez Roma sucumbe e torna-se a presa dos bárbaros, a história experimenta um longo eclipse; e as trevas da ignorância, nas quais todo o globo é novamente lançado, parecem haver extinto todos os raios de sua luz. Mas no renascimento das letras encontramos sob as ruínas do Baixo Império as faíscas do fogo sagrado: os gregos conservaram a lembrança das revoluções

*Batalha de Maratona*, dá prosseguimento à guerra (*Guerras Médicas*). Venceu na *Batalha de Termópilas* em 480 a.C. o general espartano Leônidas e arrasou Atenas, destruindo os mais importantes santuários da Acrópole. *Xenofonte* (c. 431-355 a.C.): soldado e historiador, era grande admirador de Sócrates e compôs várias obras contendo diálogos socráticos (*Memorabilia*, *Simpósio*, *Apologia*). É autor ainda de grandes clássicos da historiografia antiga, como *Anabase* (expedição de Ciro contra seu irmão, o rei persa Artaxerxes II) e *Hellenica* (história da Grécia entre 411 e 362 a.C.).

<sup>5</sup> *Publius Cornelius Tacitus* (c. 55-c. 120): senador contrário aos tiranos do império e historiador romano, compôs duas obras fundamentais sobre a história de Roma, *Histórias* (da morte de Nero até a ascensão de Nerva – delas resta apenas os anos 69 e 70) e *Anais* (da morte de Augusto à queda de Nero).

<sup>6</sup> “Suas antigas canções, que eram o único tipo de tradição histórica entre eles”.

<sup>7</sup> *Cipiões*: Publius Cornelius Scipio Africanus (c. 235-183 a.C.), também conhecido como Cipião, o Africano, foi o general romano que pôs fim à II Guerra Púnica com a vitória de Zama (202), na África. Seu irmão, Lucius Cornelius Scipio Asiaticus (? -c. 184 a.C.) ou Cipião, o Asiático, acompanhou-o nas batalhas e venceu a guerra contra o rei selêucida Antíoco III Megas em 190. *Numância*: antiga cidade ibérica, fundada no século III a.C., situada às margens do rio Douro e destruída pelo general romano Cipião Emiliano em 133 a.C. *Cartago*: cidade do norte da África (atual Tunísia), fundada no século IX a.C., originária de colônia fenícia. Combateu Roma nas três Guerras Púnicas, sendo finalmente destruída em 146 a.C. *Gaius Marius* (157-86 a.C.): general que por sete vezes foi cônsul de Roma. Reformador do exército romano, travou guerra com a Numídia, que havia sido dividida em três reinos por Cipião Emiliano e reunificada por Jugurta, e, vitorioso, garantiu a nova divisão estabelecida pelos romanos. *Numidas*: nômades berberes habitantes da Numídia, antigo reino localizado entre as atuais Tunísia e Argélia. *Lucius Licinius Lucullus* (c. 118-57 a.C.): general romano tido como o grande conquistador de territórios orientais do Império. *Gnaeus Pompeius Magnus* (106-48 a.C.): general romano que lutou contra Mitridates VI e subjugou vários reinos asiáticos. Fez parte do Primeiro Triunvirato (60 a.C.), com César e Crasso. Passou a rivalizar com César. Em 49 a.C. foge de Roma. Um ano depois, perde a Batalha de Farsala e, novamente em fuga, é assassinado assim que chega ao Egito. *Dácia*: antigo reino da Europa Central, cujo território correspondia ao das atuais Romênia e Morávia. Assediado por Roma desde 112 a.C., foi finalmente anexado ao império em 106 d.C. *Pártia*: império que dominava o planalto iraniano entre o século III a.C. e 224 d.C., também conhecido como Império Parto ou Arsácida. Sob Mitridates, o Grande (171 a.C.-138 a.C.) o império se tornou uma potência na região, apresentando-se como grande obstáculo ao avanço romano no oriente. *Titus Flavius Vespasianus Augustus* (39-81): filho mais velho do imperador Vespasiano, combateu a rebelião dos Judeus na Judéia e destruiu Jerusalém. Em 80 inaugurou o ainda incompleto Coliseu de Roma, obra iniciada por seu pai. Durante o curto reinado de dois anos enfrentou grandes calamidades: a erupção do Vesúvio em 79, com a destruição de Pompéia e Herculano, e o incêndio de Roma, em 80. *Cnaeus Julius Agricola* (39-93): general romano, a ele é atribuída a conquista definitiva das tribos bretãs. Foi governador da Bretanha entre 78 e 84 d.C.

cujo teatro foi o Oriente; e ao mesmo tempo todos os povos do poente e do norte, menos embrutecidos e mais curiosos de saber o que foram, começam a se perguntar qual foi sua origem, por quais fortunas diversas passaram seus antepassados; e a procurar, nos arquivos de seus pactos e de suas leis, os traços de sua existência.

Desde então vemos a chama da *história* iluminar todo o nosso hemisfério e levar sua luz a um hemisfério desconhecido. A China e a Índia transmitem à Europa as provas dessa antigüidade atestada em seus anais, e que se perde na noite dos tempos.

Assim, a guerra e o comércio, as conquistas e as viagens, a ambição e a avareza, sucessivamente difundiram pelo globo as descobertas da *história*; e se pode dizer que foi com traços de sangue que ela traçou seu mapa-múndi. Mas esqueçamos o que isso custou a ela, e sonhemos apenas em tornar útil e salutar aos homens esta experiência hereditária que o presente deposita e lega aos séculos que virão.

Em todas as artes, a primeira regra é a de bem conhecer o objetivo; porque, uma vez bem decidida a intenção do artista, e dirigida diretamente para sua meta, ela será seu guia na escolha dos meios e no uso que deles deve fazer. O objetivo imediato da poesia é o de seduzir; o da eloquência é persuadir; o da filosofia é procurar a verdade na natureza e a essência das coisas; o da história é discernir os fatos dignos de memória e perpetuar sua lembrança no que têm de interessante.

320

De todos esses atributos, o mais essencial à *história* é então a verdade, e a verdade interessante. Mas a verdade supõe a instrução, o discernimento, a sinceridade, a equidade. Ora, a instrução é incerta, o discernimento difícil e a sinceridade rara; e esse desinteresse absoluto, essa liberdade de espírito e de alma, essa plena imparcialidade que caracteriza um testemunho fiel, quase jamais se encontra. Assim, vemos a história alterar tão frequentemente e tão diversamente a verdade de seus relatos, que somos tentados a defini-la como definimos a Fama:

“La messagère indifférente  
Des vérités et des erreus”.<sup>8</sup>

De tempos recuados e obscuros ela terá pouca coisa a dizer, se quiser ser digna de fé; mas seu recurso é o silêncio. De tempos menos distantes e mais conhecidos, do próprio presente, ela muitas vezes tem dificuldade em descobrir, seja nos fatos, seja nos homens, a verdade que lhe interessa; mas sua salvaguarda é a dúvida. É sempre tão decente parecer ignorar o que não se sabe?

No que diz respeito ao discernimento, seria injusto imputar à *história* os erros aos quais é induzida pela importante gravidade dos testemunhos e dos indícios: bem sabemos que no mais das vezes, seja no interior dos conselhos, seja no tumulto das armas, seja no labirinto das intrigas de corte, seja no fundo da alma dos homens, observando mesmo com cuidado os resultados

<sup>8</sup> “A mensageira indiferente/Das verdades e dos erros”. A Fama (*La Renomé*, no original) é uma divindade alada, mensageira de Zeus junto aos gregos, especialmente cultuada pelos atenienses, que a ela dedicaram um templo.

dos eventos, ela nunca pode adquirir uma certeza infalível: se no cálculo das probabilidades, no exame da verossimilhança, ela escolheu pelo menos o mais crível dos possíveis, ela fez tudo o que se pode esperar da prudência humana em favor da verdade.

Mas há erros que nenhuma aparência de verdade desculpa, e que a história não deixa de recolher e de perpetuar. Tito Lívio podia ter de respeitar a opinião pública sobre os augúrios e os presságios, e sobre alguns velhos contos que ela consagrou, como o escudo caído do Céu, a aventura de Corvinus, a navalha de Tarquino, a cintura da Vestal; Tácito também tinha alguma razão para não desacreditar os milagres de Vespasiano e os oráculos de Serapis; mas o que obrigava, sob Nerva,<sup>9</sup> a acreditar no adivinho de Tibério, e nas lições que dele recebera sobre a arte de prever o futuro? O que obrigava Plutarco, sob Trajano,<sup>10</sup> a acreditar nos sonhos de Sila e no horóscopo de Pirro? Quem o obrigava a crer que as cabeças dos bois que Pirro acabara de imolar, após terem sido cortadas, haviam mostrado a língua e lambido o próprio sangue? Quem o obrigava a acreditar que os corvos caíram das nuvens, pela comoção do ar, devido às aclamações da Grécia reunida, no momento em que Flamininus<sup>11</sup> lhe anuncia a liberdade? Quem o obrigava a acreditar na coragem sobrenatural dessa criança de Esparta que deixou que seu ventre fosse roído por uma pequena raposa, sem a largar, nem soltar um único grito? etc., etc.

Nossos bons *historiadores* modernos tiveram pelo menos respeito pela crônica maravilhosa; e isso se deve ao fato de que as forças da natureza e seus limites são melhor conhecidos; isso se deve também ao fato de que a *história*, entre os antigos, era ao mesmo tempo religiosa e político; enquanto entre nós, mesmo que fanáticos ou loucos tenham pretendido associar as coisas santas e as profanas, implicar Deus em suas querelas, ligá-lo a suas facções, dele fazer um aliado, engajá-lo em suas guerras e cada um sob seus estandartes, em uma palavra, torná-lo cúmplice de suas paixões e de seus crimes, uma sã filosofia desembaraçou os interesses do Céu dos da terra; e a *história*, por assim dizer, justificou a Providência, reduzindo os homens a acusarem apenas a si mesmos pelos males que fizeram entre si.

Quanto à futilidade das origens fabulosas, dela a história moderna se curou; e é ainda uma de suas vantagens. Os italianos não tiveram necessidade de se dar antepassados quiméricos para tê-los ilustres; os outros povos isso dispensaram. Bastou aos Espanhóis e aos Ingleses saber que outrora a corajosa resistência dos Ibéricos e dos Bretões por longo tempo cansou os exércitos romanos; os

321

<sup>9</sup> *Marcus Cocceius Nerva* (30-98 d.C.): senador romano que se torna imperador após o assassinato de Domiciano (96 a.C.) e que adota como sucessor o futuro imperador Trajano.

<sup>10</sup> *Lucius Mestrius Plutarchus* (46-120): historiador e ensaísta grego, um dos últimos pensadores do helenismo, escreveu duas grandes obras, *Vidas Paralelas*, que biografava 23 figuras eminentes gregas e 23 romanas, comparando, aos pares, seus vícios e virtudes (Teseu e Rômulo, Licurgo e Numa, Sólon e Publícola, etc.), e *Moralia*, coleção dos 78 ensaios e discursos que restaram do autor. *Marcus Ulpius Nerva Traianus* (53-117): cônsul romano, em 98, com a morte de Nerva, torna-se imperador. Considerado bom administrador, foi responsável por grandes obras públicas como o Fórum e a Coluna de Trajano, e pelo programa dos *alimenta*, um auxílio aos pobres. Foi ainda o último imperador a conquistar novos territórios para o império romano, como a Arábia nabateana.

<sup>11</sup> *Titus Quinctius Flamininus* (228-174 a.C.): general romano e admirador da cultura grega, combate os macedônios e em 196 a.C. anuncia a libertação dos estados gregos.

Germanos contentaram-se com os títulos de honra e de glória que Tácito lhes conservou; os Franceses de modo algum recorreram ao testemunho de César: todos relegaram ao esquecimento o maravilhoso absurdo que receberam de seus ancestrais; todos reconheceram que haviam nascido no seio da barbárie, que não passavam de uma mistura de bandidos estrangeiros e de indígenas subjugados; e todos concordaram que até o tempo em que a disciplina tornou-os reciprocamente temíveis, até o tempo em que a política combinou e dividiu suas forças para igualá-las e para contê-las, todas as suas maiores revoluções tiveram a mesma causa: saber que, nos mais rudes climas, a natureza, tendo começado a endurecer os homens por meio da fadiga e dos perigos, para torná-los robustos, pacientes, corajosos, fez com que sentissem, depois, a vantagem de um céu mais doce e de uma terra mais fértil e para ali os empurrou em multidões e por torrentes. Assim o norte sempre pesou e transbordou sobre o mediterrâneo; assim os Dinamarqueses, os Saxões, os Normandos, os Cimbrios, os Godos, os Lombardos, os Vândalos, inundaram a Europa; assim os Citas inundaram a Ásia; assim os Tártaros inundaram a China. Tudo se reduziu, enfim, nos tempos mais afastados, ao mecanismo natural das causas morais e psíquicas; e não houve outros milagres a não ser aqueles do gênio e da virtude.

É bem verdade que esta parte recuada de nossa história é de extrema aridez, em comparação com a história fabulosa dos tempos antigos; mas não é nem para as crianças, nem para o povo que ela é escrita; e ao menos, no que dela nos resta, podemos crer sem corar.

322

Mas há, para a *história*, um outro gênero de superstição, nacional ou pessoal, do qual ela jamais eliminou inteiramente as ilusões. Um *historiador*, para ser imparcial e justo, não deveria ser, como se disse, de nenhum país, de nenhum sistema político, de nenhum partido religioso. Aquele que se apaixona, ou pelos interesses de sua seita ou de sua pátria, ou pela facção que abraça, ou pelo caráter do personagem que coloca em ação, aquele que se deixa deslumbrar pelos talentos, pelas façanhas, ou pelas qualidades brilhantes; aquele cuja admiração se alinha ao lado da boa fortuna e tudo perdoa ao sucesso; aquele que no fraco vê apenas o brinquedo do forte, e que nos acontecimentos esquece o justo e o honesto, para tudo conceder ao útil; aquele, enfim, que não tem o direito de escrever, como Tácito à frente de seus anais, "sine ira et studio",<sup>12</sup> não é digno da confiança da posteridade; e há poucos suficientemente livres de toda espécie de prevenção ou de afeições pessoais, para prestar esse testemunho. A política tem seus preconceitos, o espírito de partido seu delírio; os interesses da ambição, do orgulho, da falsa glória, a paixão de dominar e de invadir, enfim, o zelo do bem público, o amor pela cidade, o espírito de corporação, também têm seus preconceitos supersticiosos e suas máximas fanáticas, das quais o historiador deve se desembaraçar para ser imparcial e justo. E quem o é entre os modernos? Quem o foi entre os antigos?

Por toda a parte a história se prendeu aos hábitos e ao espírito do tempo. Um povo quis primar em seu país como os Atenienses, tornar-se unicamente

<sup>12</sup> "Sem cólera nem parcialidade".

guerreiro como os Espartanos, conquistador como os Romanos, mestre do mar e do comércio como os Cartagineses; a *história* julgou justo e grande tudo o que fez para atingir o objetivo de sua ambição. O sistema de seu governo, suas leis, sua política, sua própria moral, tudo foi submetido à razão de estado. Os crimes necessários ou somente úteis a sua grandeza, a seu poderio, foram transformados em virtude. A *história*, assim como as nações depredadoras e conquistadoras, parece ter tomado por regra de equidade a palavra de Brennus:<sup>13</sup> “*Vae victis*”.<sup>14</sup>

Com relação aos modernos, quero me proibir qualquer espécie de aplicação; mas falando livremente sobre os antigos, veja, na *história romana*, se alguma vez o direito de conquista e de rapina é colocado em dúvida; se aos devastadores do mundo repreende-se apenas o crime do peculato, isto é, o banditismo pessoal; e se não há nada mais honroso do que a pilhagem militar e os despojos das nações levados em triunfo ao Capitólio, e amontoados neste sorvedouro que chamamos de tesouro de Saturno,<sup>15</sup> para exprimir sem dúvida que ele devorava tudo como o tempo. Veja, quando se trata das dissensões do senado e do povo, veja, digo eu, de que lado se colocará o *historiador*. Ele confessará os erros dos grandes, o despotismo e a arrogância do senado, suas usuras, suas injustiças, sua insaciável avaréza, seu luxo, e seu fausto insolente, o estado de miséria e de opressão em que mantinha o povo, a má-fé das promessas que a ele fazia para acalmá-lo, seu ódio e seus ressentimentos contra aqueles que o protegem; mas ele virá sempre a louvar, neste mesmo senado, sua constância, sua dignidade, sua firmeza inabalável na manutenção daquilo que chamaria de sua grandeza e de sua majestade. Os verdadeiros Romanos serão para ele aqueles entre os patrícios que terão tido o mais eminente espírito de corporação, o despotismo aristocrático; e você o surpreenderá sem cessar a olhar como os defensores, os vingadores da liberdade, e os pais da pátria, aqueles que dela eram os tiranos.

Na *história grega* não se encontra a mesma deferência pela aristocracia; mas nas guerras intestinas que a miserável vaidade da precedência desperta entre essas repúblicas, vemos o *historiador*, completamente ocupado com sua conduta militar, suas conferências políticas, a eloquência de seus deputados, a habilidade de seus capitães, seus combates, seus diversos sucessos, esquecer a futilidade do ponto de honra que os divide e a eles atribuir a mesma importância que ao perigo do qual a Grécia foi ameaçada quando da invasão de Xerxes; sem mesmo achar insensato uma guerra de vinte e oito anos que, por loucos ciúmes entre duas cidades ambiciosas, acaba por esgotar o sangue de todas as veias da Grécia, e que vai entregá-la semi-vencida ao tirano da Macedônia, a esse Filipe que, melhor do que o homem de sociedade, sabia dividir para reduzir e corromper para sujeitar.

Desde que um escritor se encheu de admiração por um povo ou por uma

<sup>13</sup> Brennus (IV a.C.): chefe gaulês que, ao invadir Roma no século IV a.C., teria colocado sua espada na balança a fim de obter uma soma mais alta como resgate, ao mesmo tempo em que pronunciava as palavras citadas por Marmontel, “*Vae victis*”.

<sup>14</sup> “Grande infelicidade aos vencidos”, querendo dizer que a minoria não possui direitos.

<sup>15</sup> *Templo de Saturno*: o mais antigo dos templos de Roma, foi construído em torno de 497 a. C. e servia como um depósito para os tesouros do estado romano.

personagem ilustre, não há nada que não lhe conceda. O entusiasta de Alexandre, Quintus Curtius,<sup>16</sup> não queria tornar admirável até mesmo sua continência em meio às cem mulheres que levava consigo? Nada de mais consequente do que as leis de Licurgo,<sup>17</sup> relativamente ao projeto de manter seu povo livre. Mas tudo isso que é justo e louvável em seu objetivo, o é em seus meios? E não há o que a *história* não tenha louvado nas leis de Licurgo. Plutarco não elogia o pudor das filhas de Esparta, que dançavam nuas diante dos homens? Não chegou mesmo a dizer que Esparta era o trono do pudor? Não encontrou ali o adultério maravilhosamente estabelecido, para que se obtivessem belas crianças? E não acrescenta que seria impossível que tivesse havido adultérios em Esparta? Condena ele o costume inumano de jogar nos charcos as crianças delicadas e fracas? Não desculpa e não aprova o que há de mais infame nos hábitos, dizendo-nos que, “em seus amores, os rivais pensavam apenas em procurar, em comum, os meios de tornar a pessoa amada mais virtuosa e mais amável”? E se condenou a perfídia dos Esparciatas no massacre dos Ilotas, teve o menor escrúpulo com relação à dura escravidão a que foram reduzidos? Em uma palavra, tudo o que Licurgo instituiu para desnaturar o homem, não lhe parece a obra-prima da sabedoria?

324

Quantas vezes não se repetiu que Alexandre, levando a guerra à Ásia, nada mais fez do que vingar a Grécia e colocá-la em segurança? Pudemos dizê-lo a respeito da Pérsia; mas a Índia, o que fez ela à Grécia? Mas os Citas, que fizeram a Alexandre, que direito ou que necessidade tinha ele de atacá-los? Pretendia reinar do Nilo ao Tânis,<sup>18</sup> do Tânis ao Ganges? E não é no mínimo uma ambição insensata, como dizia uma boa mulher a Filipe, a ambição de invadir o que não se pode governar? A história repreende Alexandre pela morte de seu favorito, mas o repreende por haver vertido o sangue de tantas nações aprazíveis que ele mandou degolar a bel-prazer, para se fazer louvar pelos sofistas de Atenas, e para fazer dizer na Lacedemônia,<sup>19</sup> “Uma vez que Alexandre quer ser Deus, que seja Deus”?

Concebemos, no entanto, como, em um homem extraordinário, o gênio das grandes coisas, a audácia, o valor, a constância nos trabalhos, em uma palavra, esta força de alma que justifica de algum modo a ambição de dominar, puderam impô-la a historiadores suscetíveis ao entusiasmo; e em Quintus Curcius perdoou-se a ilusão que criou acerca de seu herói; como ela era desinteressada, é isenta da suspeita de baixeza; ele carece de filosofia, e não de sinceridade. Mas quem condenaria Veleio Patérculo à mais covarde prostituição a que pudesse ser reduzido o mais vil dos escravos! Foi ele que nos disse “Semper magnae fortunae comes est adulatio”;<sup>20</sup> e parece tê-lo querido provar pelo próprio exemplo,

<sup>16</sup> *Quintus Curtius Rufus* (?-53d.C.): historiador romano cuja única obra restante é *Historiae Alexandri Magni*, biografia de Alexandre em dez volumes (os dois primeiros se perderam), voltada sobretudo para a análise do caráter do imperador. Nenhuma outra biografia de Alexandre escrita por historiador romano sobreviveu.

<sup>17</sup> *Licurgo* (séculos IX e VIII a.C.): legendário legislador espartano, a quem a tradição atribui a criação das leis de Esparta.

<sup>18</sup> *Tânis*: nome antigo do rio Don, localizado no território da moderna Rússia. Este rio era visto na Antiguidade como a fronteira entre Europa e Ásia. Na foz do rio os gregos fundaram uma cidade de mesmo nome.

<sup>19</sup> *Lacedemônia*: Esparta.

<sup>20</sup> “A adulação é sempre companheira do sucesso”.

rastejando aos pés de Tibério.<sup>21</sup> Ainda Tibério, esse monstruoso Proteu,<sup>22</sup> pela diversidade de seus hábitos e de sua conduta, e pela mistura imponente de algumas grandes qualidades entre os vícios detestáveis, dava oportunidade à adulação; mas qual pretexto pode ela ter quando quer encontrar o heroísmo em um orgulho sem coragem, e em uma arrogância ociosa e mole que nada faz além de ordenar o crime e a infelicidade? Deveria alguma vez um déspota indolente, que do seio de suas voluptuosidades envia a seus vizinhos o temor, a desolação, a devastação, ouvir a história dizer dele que domou nações, obteve vitórias? O valor de suas tropas, a habilidade de seus generais, alguns milhares de homens a mais, que, do lado do inimigo, pereceram em uma campanha, alguns campos devastados e inundados de sangue, do qual permaneceu possuidor até o primeiro revés, eis os títulos de sua glória; e guerras injustas, que arruinaram seus povos, obtiveram para ele o mesmo lugar do que se, arriscando a vida e desprezando o repouso, houvesse tomado e carregado as armas para a saúde de seu país.

Assim, sem se acreditar culpada de adulação, e somente seduzida e arrastada pela opinião dominante e pela embriaguez popular, a *história* quase jamais apreciou nem os fatos nem os homens em seu justo valor.

Há, no entanto, algo mais vil e mais covarde do que a adulação em um escritor: é a calúnia; e os *historiadores*, animados pelo espírito de partido, dela não são quase jamais isentos. Seja por paixão, seja por complacência, longe de demonstrar escrúpulo, vergonha de macular ou a seita ou a facção contrária, parecem fazer da calúnia um dever. Luís XIV teria podido merecer a aversão dos protestantes; mas os historiadores protestantes desonraram-se ao ultrajar Luís XIV. Surpreendo-me que nações generosas tenham aplaudido a baixeza dos escritores que, para lhes agradar, tornaram-se caluniadores. Perdoa-se a injúria nos infelizes em que a opressão e o sofrimento hajam exaltado os ódios e os ressentimentos; mas que os próprios opressores caluniem os oprimidos, que o despotismo, indignado com uma resistência legítima, dela se vingue ultrajando aqueles a que não pode sujeitar; é um gênero de indignidade que os antigos desconheciam. O fanatismo nacional entre o populacho é a desculpa para ele; nada pode desculpá-lo em um *historiador*. A situação de sua alma é a calma e a liberdade.

Apenas é, então, imparcial, aquele que, quando lemos, não nos permite imaginar quais seriam seu país, sua religião, seu estado; se ele era Grego, ou Romano, ou Samnita,<sup>23</sup> Francês, Inglês, ou Americano; se ele era da ordem dos senadores, ou do colégio dos pontífices, ou da classe dos plebeus; se ele defendia a oligarquia, ou o governo popular; aquele que, enfim, não deixando

<sup>21</sup> *Tiberius Julius Caesar* (c. 42 a.C.-37 d.C.): general e diplomata sob o império de Augusto, foi adotado pelo imperador, com cuja filha, Julia, se casou, e, por sua vez, adotou o sobrinho Germânico. Reinou de 14 a 37, e o final do império foi marcado por um regime de terror que atingiu a família real e o senado. É este último período que Marmontel destaca.

<sup>22</sup> *Proteu*: na mitologia grega, deus marinho capaz de prever o futuro e de mudar de forma, filho de Posêidon e de Anfitrite.

<sup>23</sup> *Samnita*: ou *Sabino*, membro da tribo indo-europeia que habitava a parte central da península italiana desde 1000 a.C. Entre 343 e 290 a.C. tiveram lugar as três Guerras Samnitas, contra Roma. Derrotados, os Samnitas foram escravizados e vários se tornaram gladiadores.



entrever o espírito e o interesse de nenhuma corporação ou seita, parece ter como partido apenas o partido da verdade.

Mas se exigimos da *história* um desprendimento absoluto, uma imparcialidade constante, de qual sentimento seria ela animada? Pediria ao escritor uma tranquila e fria indiferença entre o crime e a virtude, uma insensibilidade estúpida para as ações ou os acontecimentos que decidem a sorte dos povos? Não, certamente, e um *historiador* apático me parece um homem desnaturado; mas o interesse do qual ele deve estar imbuído não é nem aquele da vaidade de um senado ou de um soberano, nem aquele das prosperidades e da grandeza de um império, nem exclusivamente aquele de sua pátria; mas aquele da humanidade, da inocência, da fraqueza, da virtude na infelicidade, de seus semelhantes, quem quer que sejam eles e qualquer que seja o país em que habitem, uma vez que sofram males que de modo algum tenham merecido. Não é que eu quisesse ver nos historiadores as emoções, as paixões do orador ou do poeta; tudo, em seus sentimentos, assim como em sua linguagem, deve ser grave e moderado; mas há uma maneira de ser afetado que convém a seu caráter, que, ela própria, dele constitui a decência e a dignidade. Todo o leitor que de modo algum haja perdido o sentimento da retidão e da equidade não pode deixar de sofrer quando um *historiador* descreve friamente proscricções e massacres; ainda menos pode vê-lo, sem indignação, abjurar o nome de *homem* para ser apenas o que se chama *patriota* ou *republicano*. Não há nada que deva a seu país, exceto seu reconhecimento das ações injustas; e se ele tem vergonha de dar-lhes seu consentimento, com mais forte razão deve ter de prostituir-lhes elogios. O crime nacional, como o crime pessoal, deve ser crime sob a pluma assim como sob os olhos do homem de bem. Se ele carece de coragem, não pode escrever; mas se ele escreve, nenhum dever pode forçá-lo a trair a verdade, a natureza e sua alma; e isso que constitui a integridade, a sinceridade e a dignidade da *história*, contribui também naturalmente para tornar interessante a verdade que ela transmite.

326

Pode-se distinguir, na *história*, um interesse de instrução e um interesse de afeição. Quanto à instrução, não é difícil, seja nos fatos, seja nos homens, discernir o que a *história* deve tomar cuidado em recolher; basta que se pergunte quais são, entre os eventos e os exemplos do passado, aqueles que podem ser para o futuro avisos salutareis ou sábios conselhos.

O que, de um século a outro, pode instruir os homens, são a princípio as diversidades da própria espécie humana, tão bizarramente variada, em seu natural e nos acidentes que a modificaram: as primeiras agregações; a condição primitiva; os modos de vida, os meios de existência; a mistura das colônias com os povos aborígenes; a organização da sociedade; as diferenças de gênio e de caráter dos povos; os vícios e as vantagens das constituições e das formas que a sociedade assumiu, seus hábitos, seus costumes, suas leis, os progressos de sua indústria e de sua civilização, as fontes mais ou menos fecundas de sua força e de sua riqueza; o que mais contribuiu para seu crescimento e sua decadência; as causas dos acontecimentos que marcaram sua duração e as mudanças que sofreu; sobretudo o caráter, o gênio, os talentos, as virtudes, os vícios dos

homens que mais agiram e pesaram sobre seus destinos: tais serão, ao primeiro golpe de vista, os objetos de uma curiosidade séria, digna da posteridade.

Os pontos principais sobre os quais parece, em todos os tempos, haver rodado o mundo são a religião e a política: seus primeiros móveis foram a necessidade, a inquietude do mal-estar, e a esperança de uma melhor sorte; os frutos de sua civilização foram a agricultura, o comércio, a polícia, a disciplina, os hábitos, as leis, as artes, a abundância, e a segurança; as sementes de suas discórdias, a ambição, a avareza e a inveja; seus flagelos, a guerra e o luxo, a superstição e o fanatismo, as dissensões domésticas, os ciúmes nacionais, as rivalidades pessoais, os interesses e a ascendência de alguns homens extraordinários, e a docilidade estúpida, o ardor cego da multidão a servir as paixões ou de apenas um, ou de um pequeno número. Eis aí então, bem evidentemente, o que o presente e o futuro têm interesse em saber do passado, para dele tirar os frutos de uma experiência antecipada, e se tornarem, se for possível, melhores, mais sábios e mais felizes.

Reduzida a esses pontos principais, a *história* seria desembaraçada de uma infinidade de detalhes ociosos, estéreis e frívolos que apenas a vaidade ou de uma cidade, ou de uma província, ou de uma corporação, ou de uma família, torna importantes para ela, e que para o resto do mundo são dignos apenas do esquecimento.

Mas há nas causas dos acontecimentos memoráveis um interesse de afeição que é como a alma da história, e que aproxima e reúne todos os lugares, todos os tempos, todos os povos do mundo, porque os coloca em sociedade de perigos e de temores, e que no passado faz com que vejam a imagem do presente e do futuro. "Posteri, posteri, vestra res agitur"<sup>24</sup> é a divisa da história; é por essas relações e por essas semelhanças que ela nos torna, como se disse,

"Contemporains de tous les âges  
Et citoyens de tous les lieux".<sup>25</sup>

Ora, se esse interesse se atém essencialmente à natureza e aos fatos e aos homens, atém-se também à maneira pela qual os homens são pitados e os fatos contados. O mesmo acontecimento, retraçado por dois escritores igualmente instruídos, mas desigualmente dotados de sensibilidade, de calor, de eloquência, será estéril e frio sob a pluma de um, fecundo e comovente sobre a pluma do outro; e é aqui que se faz sentir a diferença que já aponte entre uma testemunha como Suetônio<sup>26</sup> e uma testemunha como Tácito. Um historiador, eu o repito, não é nem poeta, nem orador: seu estilo não será, portanto, nem tão colorido, nem tão veemente quanto o estilo oratório e o estilo poético; não

<sup>24</sup> "Posteridade, posteridade, este assunto lhe diz respeito".

<sup>25</sup> "Contemporâneos de todas as idades/E cidadãos de todos os lugares". Note-se que Marmontel apresenta os versos de Antoine Houdar de La Motte (1672-1731) ligeiramente modificados. Nos versos originais de La Motte lemos: "É pelo estudo que nós somos/contemporâneos de todos os homens,/ e cidadãos de todos os lugares" ["C'est par l'étude que nous sommes/contemporains de tous les hommes,/et citoyens de tous les lieux"] (Ode, XV, à l'Académie française).

<sup>26</sup> *Caius Suetonius Tranquillus* (c. 69-c. 126): historiador latino que se tornou arquivista do imperador Adriano. Em 122 cai em desgraça e passa a se dedicar à obra pela qual é mais conhecido, *Vida dos Césares*, doze biografias de imperadores romanos como César e Domiciano. Seu estilo de escrita histórica foi habitualmente considerado pouco hábil, impressão que Marmontel, em seus comentários, irá reforçar.

é nem a imaginação, nem a paixão que deve dominá-lo, é a verdade simples; mas a verdade simples tem a sua cor, assim como tem sua luz, e sua luz não é despida nem de força, nem de calor. Um historiador é uma testemunha fiel, grave, ingênua, mas sensível; e seu estilo é apenas mais sincero, uma vez que carrega a impressão que os objetos tiveram de deixar em seu espírito e em sua alma. Ora, essas impressões se fazem sentir ou a cada traço, como em Tácito, ou somente por traços fugazes, como neste exemplo citado por Montesquieu em louvor a Suetônio. Suetônio, após haver friamente descrito as atrocidades de Nero, muda de tom abruptamente, e diz: "O universo inteiro tendo suportado esse monstro durante quatorze anos, enfim o abandona". Essa mudança de estilo, essa repentina descoberta da maneira de pensar do escritor, esse modo de apresentar em tão poucas palavras uma tão grande revolução, excita sem dúvida na alma, como o observa Montesquieu, a emoção da surpresa.

Mas, por mais tocantes que sejam semelhantes traços difundidos na história, esse contraste entre uma frieza contínua e um movimento de sensibilidade repentino, rápido e passageiro, não pareceria muito natural, se fosse bastante frequente, e se fosse raro, pouca honra faria ao caráter do escritor que, de sangue frio, pudesse descrever um longo tecido de atrocidades sem nenhum sinal de emoção. Prefiro então a maneira ingênua e simples de Tácito, que, a cada traço de buril, nos faz sentir o que ele mesmo experimentou, como quando descreve o início insensível da dominação de Augusto: "Depondo o nome de triúviro, faz-se cônsul, e parece a princípio se contentar com a autoridade de tribuno, a fim de proteger o povo; mas uma vez tendo ganhado os soldados por meio de donativos, a multidão pela abundância, todos pelo atrativo de um doce repouso, vemo-lo se erguer insensivelmente, atraindo para si o poder do senado, dos magistrados, e das leis, sem que ninguém o impeça; aqueles mais ferozes morreram nos combates ou na multidão dos proscritos. O resto dos nobres via que as riquezas e as honrarias se mediam pela solicitude que cada um testemunhava em relação à servidão; e engrandecidos pelo novo estado de coisas, preferiam, à perigosa incerteza de sua situação passada, os bens garantidos e presentes. Essa mudança não desagradava nem mesmo às províncias, entre as quais as dissensões dos grandes e a avareza dos magistrados haviam tornado suspeita a dominação do senado e do povo, e que não esperavam mais nenhum amparo das leis, que a força, a intriga e a cupidez haviam anulado". Nessas poucas palavras, o caráter de um opressor hábil, de um povo aviltado, de um senado corrompido, e a impressão que esse estado de Roma faz sobre a alma do historiador manifesta-se ainda mais vivamente quando a energia da expressão dele representa apenas a pura verdade.

Do mesmo modo, que Tácito nos desvele a profunda escuridão da alma de Tibério, as turpitudes de Agripina,<sup>27</sup> a ferocidade de Nero; que nos represente a estúpida insensibilidade de Cláudio; que nos descreva a morte filosófica de

<sup>27</sup> *Agripina, a jovem* (15-59): filha de Germânico e Agripina, a antiga, e irmã de Calígula, com Domício Aenobarbo teve Nero. Depois casou-se com o próprio tio, o imperador Cláudio, que adotou Nero. Cláudio é envenenado por ordens de Agripina e Nero, após se tornar imperador (54), descontente com a pesada interferência da mãe, ordena que seja morta.

Sêneca, a morte heroica de Traséa, a morte mais heroica e mais filosófica de Oto, ou aquela de Petrônio,<sup>28</sup> tão singularmente mesclada de uma indolência epicuriana e de uma constância estoica; o vício, o crime, a virtude, sua mistura, tudo em seu estilo carrega o duplo caráter do objeto e do escritor. Ele parece ter um ferro em brasa para marcar o vício e o crime, e as mais suaves cores para representar a virtude. Veja em um mesmo quadro a pintura da alma de Domiciano<sup>29</sup> e daquela de Agrícola: “Nero pelo menos desviava os olhos. Ordenava o crime; não o olhava. Sob Domiciano, um acréscimo de suplício para aqueles que morriam era o de vê-lo e de por ele serem vistos. Ele tinha o registro de nossos suspiros; e para espreitar e notar tantos infelizes, bastava esse semblante atroz, cujo rubor protegia contra aquele do pudor. Você, Agrícola, foi feliz não tanto pelo brilho de sua vida, mas por uma morte que lhe poupou o espetáculo de tantos males. Se há um asilo para os Manes;<sup>30</sup> se, como dizem os sábios, as grandes almas não se extinguem no mesmo instante em que perecem os corpos, homem justo, repouse em paz; e nós, sua família, ensine-nos a lamentar sua perda sem fraqueza, e a cessar as vãs queixas contemplando essas raras virtudes que nos impedem de chorar por você. O que lhe devem hoje sua filha e sua esposa é conservar tão presente e reverenciar tão ternamente a memória de um pai e de um esposo de modo que estejam sem cessar ocupadas com suas ações e suas palavras; é abraçar antes a imagem de sua alma do que a de seu corpo. A alma é dotada de uma forma imortal que nenhum objeto material, nenhuma arte estrangeira pode oferecer; e a sua pôde somente se pintar em seus hábitos. Tudo o que amamos, tudo o que admiramos em Agrícola, nos resta, e reviverá sem cessar na eternidade dos tempos e na memória dos homens”.

329

Não foi sem lentos progressos que a *história antiga* chegou a esse grau de perfeição inimitável. Os primeiros anais dos Romanos eram apenas um registro público, em que estavam inscritos, sem nenhuma arte, os acontecimentos do ano. É a partir deste modelo que escrevem a história Fabius Pictor<sup>31</sup> e Pison. O

<sup>28</sup> *Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus* (10 a.C.-54 d.C.): filho de Nero Clausius Drusus, irmão de Germânico e neto de Lívia Drusilla, foi afastado da vida pública pela família, que o considerava pouco apto para o governo. Com a morte de Calígula, no entanto, torna-se imperador. Bastante influenciado pelas esposas Messalina e Agripina e por conselheiros como Narciso, Pallas e Políbio, ainda assim realiza obras importantes em Roma (ampliação do direito de cidadania romana, novos aquedutos, etc.) e conquista novos territórios (Bretanha, Trácia, Mauritânia). *Lucius Annaeus Seneca* (c. 4 a.C.-65 d.C.): filósofo estoico, autor de *Consolações*, *Epístolas a Lucílio*, das tragédias *As troianas*, *Fedra*, *Medéia*, entre outras, opôs-se a Calígula e Cláudio e exilou-se na Córsega. Preceptor de Nero, cujos crimes desaprovava, planejou o assassinato do imperador. A conspiração foi descoberta e Nero ordenou que se matasse. Segundo Tácito, Sêneca cortou as veias e sangrou, imerso em uma banheira de água morna, até a morte. *Publius Clodius Thrasea Paetus*: filósofo estoico e senador romano, em 59 reprovou as justificativas de Nero para o assassinato da própria mãe. Em 62 retira-se do senado romano e vive frugalmente, de acordo com os princípios estoicos e em contraste com a ostentação de Nero. É condenado à morte pelo senado. Segundo a descrição de Tácito (*Anais*), após receber a notícia, Traséa decidiu cortar as veias dos dois braços e esperou pacientemente pela morte. *Marcus Silvius Otho* (32-69): imperador romano que ascendeu ao trono em 69, com o apoio dos pretorianos. Os exércitos da Germânia, no entanto, vencem os pretorianos em abril de 69 e Oto se suicida, apunhalando o coração com uma adaga. *Caius Petronius Arbiter* (? -66 d.C.): autor do *Satyricon* e um dos favoritos de Nero, aconselhava o imperador em questões de estilo e elegância. Envolveu-se na conspiração de Pisão e foi obrigado, por Nero, a cometer suicídio. Conforme Tácito, nos *Anais*, Petrônio cortou as veias, fechou-as, cortou-as novamente e esperou que o sangue escoasse enquanto conversava calmamente com os amigos, em meio a uma refeição.

<sup>29</sup> *Titus Flavius Domitianus* (51-96): filho de Vespasiano, assume o império romano em 81. Promoveu grandes obras públicas e muitas guerras nas fronteiras do império (Bretanha, Dabúbio). Passa a reinar de modo absolutista e acaba por instaurar um regime de terror que atinge cristãos, judeus e os próprios senadores romanos. É morto em uma conspiração, em 96.

<sup>30</sup> *Manes*: para os romanos, almas dos mortos.

<sup>31</sup> *Quintus Fabius Pictor* (c. 254 BC-?): um dos primeiros historiadores romanos, escrevia em grego e tratou,

mesmo se deu entre os Gregos; e foi assim que Ferecida, Helânico, Acustilau<sup>32</sup> escreveram. Mas enquanto em Roma, até o tempo de Salústio,<sup>33</sup> a *história* foi reduzida a esta secura, a esta nudez de expressão, em que o escritor, para toda a glória, buscava apenas a brevidade e a clareza; na Grécia, ela havia em boa hora formado seu gênio e seu estilo nas escolas de eloquência e nas de filosofia; foi de lá que saiu esse Heródoto, cuja elocução arrebatava o próprio Cícero; esse Tucídides,<sup>34</sup> que na arte de falar supera de longe, diz ele, todos os seus rivais; cujo estilo é tão pleno de coisas que o número de pensamentos nele iguala quase o número de palavras, e que reúne tanta precisão com tanta justeza, que não sabemos se é a expressão que adorna o pensamento, ou o pensamento a expressão. Da mesma escola saíram Éforo e Teopompo, dois homens de gênio, ambos discípulos de Isócrates.<sup>35</sup> Enfim aparece, acrescenta Cícero, o digno aluno de Sócrates, o príncipe dos historiadores, Xenofonte.

O primeiro dos Latinos que aplica a eloquência à *história* foi Salústio. Tito Lívio a desenvolve, e com tanta magnificência quanto os próprios Tucídides e Xenofonte, mas, como eles, com a reserva conveniente ao testemunho dos tempos. Em seus relatos, assim como em seus discursos, ele está sempre perto dos limites que devem separar o *historiador* do orador e do poeta, mas ele não os ultrapassa jamais; e para o charme e a dignidade do estilo da *história*, para o grau de elevação e cor que lhe convém, a amplitude, a pompa e a harmonia das quais é suscetível, não creio que haja modelo mais acabado do que Tito Lívio.

330

Mas não é tudo, não é nem mesmo o bastante para a *história* ser eloquente: a ela é, sobretudo, recomendado ser filosófica; e para esta última característica, que denominarei sua virtude, nada se compara a Tácito. Mais apressado, mais conciso, mas vigoroso do que Tito Lívio com respeito à expressão, ele é também, com respeito aos pensamentos, mais enérgico e mais profundo; e com respeito aos hábitos, mais grave e mais austero. Se um pintor, a partir de seu gênio, tentar figurá-lo e nos pintar sua imagem, dará a Tito Lívio um ar calmo e majestoso, mas a Tácito um ar melancólico, mesclado de sensibilidade, de severidade, de bondade.

“Que não comparemos, diz ele, nossos anais com essas antigas histórias da república romana. Nelas, guerras e trabalhos imensos, reis vencidos e cativos;

entre outros temas, da Segunda Guerra Púnica. Suas fontes eram as crônicas de famílias romanas.

<sup>32</sup> *Ferecida* (séc. VI a.C.): filósofo grego, autor de um dos primeiros textos literários em prosa da Grécia, a *Heptamychia*, que marca a transição entre a mitologia e o pensamento pré-socrático. *Helânico de Lesbos* (séc. V a.C.): historiador e logógrafo grego contemporâneo de Heródoto, é o primeiro a mencionar a lenda sobre a fundação de Roma pelos troianos. Alguns atribuem a ele o desenvolvimento das bases da cronologia. Entre suas obras, estão: *Atthis*, *Troica*, *Persica*. *Acusilau* (séc. IV a.C.): mitógrafo e logógrafo grego que escreveu um livro de genealogias, em boa parte uma adaptação em prosa de Hesíodo.

<sup>33</sup> *Caius Sallustius Crispus* (86-35 a.C.): político fracassado e muito rico, tornou-se historiador, sendo pioneiro nas monografias históricas (*Conspiração de Catilina*, *Guerra de Jugurta*). Autor ainda de *Histórias*, influenciou Tácito e foi muito admirado na Antiguidade.

<sup>34</sup> *Tucídides* (c. 465-395 a.C.): historiador grego. Estratega durante a Guerra do Peloponeso, foi derrotado. No exílio iniciou suas *Histórias da Guerra do Peloponeso* (431) e é tido como o primeiro historiador a se posicionar criticamente com relação aos acontecimentos que narra.

<sup>35</sup> *Éforo de Cime* (405-330 a.C.): historiador grego, fez dois cursos de retórica com Isócrates. Concebeu uma História universal em 29 volumes (primeiro historiador a projetar uma obra deste alcance), foi muito respeitado pelos historiadores antigos devido, segundo eles, à seriedade de suas pesquisas. *Teopompo* (380 a.C.-?): historiador e retórico grego, aluno de Isócrates, entre suas obras estão as *Helênicas* (história da Grécia entre 411 e 394 a.C., em doze volumes) e *História de Filipe* (abrangendo o reinado de Filipe da Macedônia, de 360 a 336 a.C.). *Isócrates* (436-338 a.C.): orador grego responsável por uma famosa escola de retórica, onde seguia as ideias dos sofistas e de Sócrates, e autor do *Panegírico de Atenas* e da *Panatenaica*.

e, no interior, dissensões dos cônsules com os tribunos, leis para partilhar as terras, ou para assegurar a abundância, os debates dos grandes e do povo, são descritos com liberdade. Aqui se trata de um trabalho obscuro e confinado em limites estreitos". E, no entanto, é essa obscuridade de uma paz triste e sombria, interiormente atormentada pela fermentação de todos os vícios e de todas as paixões de uma multidão de maus príncipes, cercados de uma corte depravada, aí está o grande interesse de Tácito. Sua própria *História*, em que anuncia tão trágicos acontecimentos, não é tão envolvente quanto seus *Anais*, pela razão de que nestes são os homens, mais do que as coisas, que ele investiga e aprofunda. Com que traços pinta a violência e a atrocidade de Metellus,<sup>36</sup> o acusador de Traséa, e que charme empresta à eloquência da filha de Seranus! Como ele é sempre o amigo ardente da virtude, o amigo terno da inocência na infelicidade, e o inimigo austero e inflexível do crime feliz!

Ora, é esse caráter de moralidade difundido na *História* e, sobretudo, nos *Anais* de Tácito que lhe conferem valor inestimável. Nenhum homem, desde que se pintou o sentimento e o pensamento, gravou mais profundamente em seus escritos a marca de sua alma. É, para mim, dele que devemos aprender a que grau de calor e de interesse o estilo da *história* pode ser levado, sem perder nada de sua imparcialidade, e sem nada retirar ao escritor de sua integridade de juiz. Em seus discursos, nenhuma ênfase; em seus retratos, nenhuma afetação; em suas descrições, nenhuma pompa; em suas reflexões, mesmo nas mais profundas, nenhuma ostentação de pensamento; em suas expressões mais duras e mais enérgicas, nenhuma contenção, nenhum esforço: por toda a parte a verdade sem fardo, e sempre o que uma testemunha atenta e severa, um observador sério e penetrante viu de mais escondido no fundo da alma dos homens, quando as situações e os acontecimentos revelaram-lhe o segredo. Leia o reino de Tibério, ou o de Nero; essas duas terríveis e longas tragédias, das quais Roma é o teatro, e onde Tácito levou tão longe a arte de comover: a eloquência artificial, o cuidado de ornar para engrandecer ali não entram por nada. Mas ao mesmo tempo em que ali é possível perceber um traço exagerado ou supérfluo, é impossível desejar um traço sensível e interessante que ele tenha omitido, ou que tenha enfraquecido.

Estou, no entanto, muito distante de desejar que a história tenha apenas um modelo, ou que o mesmo seja sempre preferível; e começo por distinguir duas hipóteses que demandam dois estilos muito diferentes: uma, em que o historiador supõe leitores que nada sabem sobre o que ele vai contar; e a outra, em que supõe leitores vagamente, confusamente instruídos acerca dos acontecimentos que se relatam. À primeira deve se aplicar o método que Cícero nos traça para a história desenvolvida; é o estilo de Tito Lívio; à segunda, convém estreitar o tecido dos acontecimentos, aprofundar ao invés de estender; é o estilo de Tácito. Se todos os historiadores romanos houvessem perecido em

<sup>36</sup> *Metellus*: provavelmente Marmontel se confundiu nesta referência. O principal acusador de Traséas descrito com dureza por Tácito nos *Anais* é Capito Cossutianus, político romano que havia anteriormente sido acusado por Traséas de extorsão e desejava se vingar. O último membro da importante família Caecilii Metelli a participar da vida pública de Roma faleceu ainda no início da era cristã.

um incêndio, e se apenas Tito Lívio houvesse sido conservado, teríamos sabido história romana. Mas se nos restasse um escritor como Tácito no lugar de Tito Lívio, esses fatos indicados em um único traço, esses detalhes tão rapidamente, tão brevemente acumulados, seriam a cada instante enigmas inexplicáveis.

O estilo, se ousar dizê-lo, substancial e condensado, que convém a fatos já conhecidos, e onde o pensamento ajuda a palavra, não é então o que convém a relatos em que o fundo, os detalhes, as circunstâncias, tudo é novo.

Dois outras hipóteses, relativas ao tempo, podem ainda exigir da história mais ou menos detalhes; são os pontos de perspectiva que os escritores se propõem. Quanto mais a posteridade para a qual se escreve é recuada, mais o interesse dos detalhes diminui; e se, a cada traço, o *historiador* se pergunta "o que importa ao futuro, a um futuro distante"? O volume de fatos que ele tiver recolhido se reduzirá muitas vezes a pouca coisa. Nada mais há além de povos célebres e de homens verdadeiramente ilustres, cujas particularidades domésticas são interessantes ainda a uma certa distância. Mas o que para uma posteridade distante nada tem de curioso, o tempo em que se vive, o país em que se está pode desejar saber. Está aí, para o discernimento e para a escolha do escritor, uma das grandes dificuldades. Ele está quase certo de ser prolixo aos olhos dos séculos vindouros, se concede ao seu os detalhes que tem direito de lhe demandar; e se ele negligencia esses detalhes, expõe-se à acusação de não haver cumprido seu papel; pois esses detalhes não são todos frívolos, e a proximidade dos tempos pode lhes conferir uma influência e relações de utilidade que os tornam indispensáveis.

332

O *historiador* ocupado apenas com a própria glória, evitará facilmente este perigo escolhendo entre os séculos decorridos aquele que lhe apresente o maior número de sumidades brilhantes e de acontecimentos suscetíveis de um interesse universal. A história das revoluções sempre terá esta vantagem. Mas se ele se limita, para ser útil, apenas a contar fielmente o que viu de perto, deve-se esperar que ao escrever a história de seu século, não tenha nem a precisão nem a rapidez de um escritor que, no distanciamento, procura apenas pontos eminentes a traçar, e grandes quadros a pintar.

Enfim, na hipótese mais comum, pode ocorrer que o uns aos outros, de distribuí-los, de mesclá-los sem os confundir, que a dificuldade ainda maior de dar a cada um número de objetos importantes dos quais a *história* está encarregada; que a dificuldade de ligá-los toda a sua extensão, sem retardar, suspender, inverter o curso e a ordem dos acontecimentos; em uma palavra, que a complicação da máquina política obrigue a *história* a se decompor, a se dividir em tantas partes quantos forem os seus diversos objetos; e é isso que ela fez frequentemente. Assim a guerra, as finanças, o comércio, as artes, as leis, as negociações, tiveram sua história distinta; e desta divisão nasce a diferença dos estilos convenientes a seu objeto.

A arte militar, a marinha, a economia, o comércio, as leis, têm uma língua severamente exata. A da política é mais afilada e mais sutil: nos negócios de gabinete ela é vaga, misteriosa e reservada, Montaigne diria cautelosa. A das intrigas de corte é mais refinada ainda e mais flexível. Mas quando nas facções,

problemas domésticos, revoluções, desastres, tem-se grandes personagens a desenvolver, grandes paixões a fazer agir, grandes cenas a descrever, a língua da *história* torna-se quase aquela da eloquência ou da poesia. Veja, em Tácito, o incêndio de Roma; em Tito Lívio, o combate dos Horácios e a conjuração dos Gracos; em Plutarco, o triunfo de Paulo Emílio; é alternadamente Homero ou Corneille<sup>37</sup> que acreditamos escutar.

Assim, no mesmo momento em que o escritor se impõe a penosa tarefa de abraçar de um só golpe de vista tudo o que um século lhe apresenta de interessante para o futuro, e em que considera o corpo político, cujas revoluções ele descreve, como uma máquina cujo movimento é o resultado de uma multidão de impulsões dadas por diferentes causas ligadas e combinadas juntas; é aí mesmo que não somente não é permitido a seu estilo ser uniforme, como ele precisa, mais do que nunca, ser flexível e variado. Uma negociação, uma campanha militar, uma intriga de corte, uma conspiração, um detalhe importante de regulamentação ou de disciplina, um código de legislação, demandam um espírito e uma pluma diferente; e o *historiador* cujo gênio tiver essa feliz facilidade de receber a marca dos objetos que se oferecerem à sua memória, será, talvez, de todos os escritores o mais raro e o mais maravilhoso em sua perfeição.

Para dele se aproximar o máximo possível, o verdadeiro meio, me parece, é não afetar nenhum estilo, jamais esmorecer e endurecer, e entregar seu espírito e sua alma à impressão dos objetos que devem sucessivamente agir sobre o pensamento, modificar o sentimento e se apropriar da expressão.

Assim a *história* difere-se dela mesma por seus tons, suas cores, seus diferentes caracteres, segundo os objetos que exprime. Alguém disse que para o historiador o melhor estilo seria aquele que se assemelhasse a uma água límpida. Mas se ele não possui nenhuma cor própria, naturalmente tomará aquela de seu assunto, como o regato toma a coloração da areia que forma seu leito. A história política e moral, a mais fecunda em reflexões; a história das cortes, a mais curiosa em seus detalhes; a das revoluções, a mais dramática de todas; a história geral, ou a de um país; a de um império, de um reino; anais ou memórias, demandam maior ou menor desenvolvimento ou precisão, amplitude ou rapidez, filosofia ou eloquência: e prescrever ao *historiador* que tenha sempre um mesmo estilo, seria como prescrever ao pintor que jamais tivesse mais do que um mesmo pincel.

Acrescentarei ainda uma observação que interessa aos escritores modernos. É que por vezes nos entendem mal quanto ao caráter de simplicidade e de

333

<sup>37</sup> *Horácios*: lenda romana segundo a qual, no reinado de Tulo Hostílio (séc. VII), três irmãos Horácios, de Roma, foram sorteados para lutar contra os três Curiácios, de Alva. Dois Horácios morreram e o terceiro, fingindo-se de morto, conseguiu matar os três Curiácios, um a um. *Gracos*: Tiberius Sempronius Gracchus (162-133 a.C.), tribuno da plebe, propôs a *rogatio Sempronia*, lei que restringiria a extensão de terras nos nobres romanos. A lei não foi aprovada e na revolta que se seguiu Tibério e 300 partidários foram massacrados. Seu irmão Gaius Sempronius Gracchus (154-121 a.C.) também propôs reformas que implicavam na diminuição de direitos dos nobres; abandonado pela plebe, morreu com três mil partidários na luta contra as tropas de Lúcio Opímio. *Lucius Aemilius Paulus Macedonicus* (229-160 a.C.): general romano, pai de Cipião, o Africano, lutou contra os lusitanos (191-189) e venceu a decisiva *batalha de Pydna* na Terceira Guerra Macedônica. Em 167 a.C. fez uma entrada triunfal em Roma, com a exibição do rei da Macedônia como prisioneiro. *Pierre Corneille* (1606-1684): poeta dramático, foi uma das figuras de proa do Classicismo francês, encenando grandes peças como *Medéia*, *O Cid*, *Cina*, *Horácio* e *Polieucto*.



gravidade que convém, com efeito, ao estilo da *história*. Neste sentido, *simples* e *grave* significa distante de toda a afetação na maneira, de todo o rebuscamento no modo de se apresentar. Mas como em pintura, em escultura, a expressão da força, da altivez, da majestade, pode ser simples, e o é realmente quando possui toda a sua beleza, o mesmo se dá na arte de escrever. A gravidade exclui apenas os movimentos apaixonados. É na sobrancelha de Júpiter, no olhar de Netuno que a cólera é expressa; é nos traços, não no gesto, que o artista fará sentir o caráter ou de Catão ou de Bruto,<sup>38</sup> e a situação de sua alma, seja no momento em que um decidiu sua morte, seja no momento em que o outro deliberou assassinar seu amigo, talvez seu pai. Tal é a expressão, quase imóvel, do estilo grave. Nenhum dos grandes movimentos oratórios lhe convém; mas em seu calor concentrada e preservada tem sua energia. Nenhuma ênfase, nenhuma figura, nenhum epíteto ambicioso; mas a palavra apropriada, a mais viva e a mais penetrante, comunica-lhe seu vigor.

O tribuno que acaba de apunhalar Messalina,<sup>39</sup> aparece diante de Cláudio no momento em que este se encontra à mesa, e lhe diz que ela está morta. Tácito, traçando o quadro desta cena, a ela nada acrescenta que marque a impressão que causa nele; e, sem a indicar, tudo a exprime: “Cláudio ainda estava à mesa quando lhe anunciam que Messalina estava morta, sem lhe dizer se havia morrido pela própria mão ou pela de um outro; e sobre isso ele não se informa de modo algum. Ele pede bebida; e termina, como de costume, sua refeição com seus convivas. Nos dias seguintes, não demonstra nenhum sinal de ódio, nem de alegria, nem de cólera, nem de aflição, nem de qualquer sentimento humano, seja ordenando que os acusadores de Messalina se divertissem, seja vendo a dor e as lágrimas de seus filhos”.

334

O mesmo historiador nos pinta o luto de Roma com a morte de Germânico; e sem que uma palavra de queixa ou de pesar indique a tristeza que o quadro lhe causa, vê-se que foi por ela penetrado: “Os cônsules, o senado, e a maior parte do povo, encheram o caminho por onde o comboio deveria passar, dispersos cá e lá sem ordem, e chorando todos em liberdade; porque não havia em sua dor nenhum tipo de adulação, todos estavam bem cientes de que a morte de Germânico agradava a Tibério. Tibério e Lívía<sup>40</sup> abstiveram-se de se mostrar, seja porque acreditassem indigno da majestade o lamentar-se em público, seja de

<sup>38</sup> *Marcus Porcius Catō Uticensis* (95 a.C.-46 a.C.): bisneto de Catão, o velho, Catão, o jovem era adepto do estoicismo e foi político no final da República Romana. Opositor de Júlio César, tentou continuar a guerra contra ele na África, após a morte de Pompeu, mas foi derrotado e se suicidou. Tornou-se famoso pela firmeza de caráter e pela integridade moral, e durante o Iluminismo foi eleito como um dos grandes modelos de conduta legados pela Antiguidade. *Marcus Junius Brutus* (85 a.C.-42 a.C.): sobrinho de Catão, o jovem, aproximou-se de César, obtendo a posição de pretor urbano (45 a.C.). Descontente com a aspiração de César à monarquia, une-se a Cássio em um complô para assassiná-lo (44. a.C.). Quando Bruto, juntamente com Cássio, perde a Batalha de Filipas para Antônio e Otaviano, sucessores de César, suicida-se.

<sup>39</sup> *Valeria Messalina* (c. 25-48 d.C.): imperatriz romana, casada com Cláudio, tiveram dois filhos, Britânico e Otávio. Famosa pela vida devassa, mesmo casada com Cláudio casou-se também com Sílio, e planejavam usurpar o poder. Ciente desses eventos através de duas de suas amantes, Cláudio ordena a morte da esposa.

<sup>40</sup> *Germanicus Julius Caesar Claudianus* (16 a.C.- 19 d.C.): filho do general Nero Claudius Drusus e sobrinho de Tibério, seria o herdeiro natural de Augusto caso sua avó, Lívía Drusilla, não houvesse interferido em favor de Tibério. Muito popular entre os romanos por suas vitórias militares, morreu misteriosamente em campanha na Antíóquia. Suspeitou-se, na época, que houvesse sido assassinado a mando de Tibério. *Livia Drusilla* (58 a.C.-29 d.C.): mulher de Augusto e mãe do imperador Tibério, filha de suas primeiras núpcias. Influente na política, usou todos os meios possíveis para que Tibério se tornasse imperador.

medo de tantos olhares penetrantes, observando suas faces, nelas descobrissem a falsidade de sua aflição... No dia em que os restos de Germânico foram conduzidos à tumba de Augusto, viu-se Roma tanto semelhante a uma solidão em que reinava um vasto silêncio, quanto repleta de tumulto e de gemidos. Todas as ruas da cidade estavam cheias; as chamas funerárias iluminavam o campo de Marte. Ali estavam os soldados sob as armas, os magistrados sob as marcas de sua dignidade, o povo dividido por tribos. Todos gritavam que a república estava perdida, que não restava mais esperança; e esses gritos ecoavam tão abertamente e tão livremente quanto se houvesse esquecido que se possuía senhores. Nada, no entanto, penetrava tão vivamente Tibério quanto o zelo inflamado que se testemunhava por Agripina: ele era chamado de o único resto do sangue de Augusto, o único exemplo dos hábitos antigos; e, os olhos erguidos ao céu, suplicava-se aos deuses que conservassem sua raça e que a fizessem sobreviver aos maus". Eis o modelo do estilo grave e, no entanto, de um estilo tão pitoresco e tão elevado em cor, que o poeta com suas ousadias e o orador com suas figuras dificilmente atingiriam esse grau de expressão. Ora, me parece que um número muito grande de *historiadores*, entre os modernos, foi negligente em se dar essa precisão numerosa, essa simplicidade enérgica, essa plenitude de pensamentos e de afeições profundas, essa gravidade mais distante ainda da frieza do que do arrebatamento. Escrevemos simplesmente a história; mas muitas vezes essa simplicidade foi negligente, inculta e sem nobreza. Quando se quis assumir um estilo desenvolvido, ele se mostrou falho, vagaroso e fraco; quando se quis um estilo conciso e fechado, ele se mostrou seco e duro; quando se quis um estilo abundante e pomposo, ele se mostrou empático, quando se quis um estilo familiar, ele se mostrou servil. Foi dito que a história não era a eloquência; foi um engano: é a própria eloquência, mas contida como um corcel feroso que o freio reduzisse ao passo, e que, em sua marcha, conservasse ainda seu vigor e sua beleza. É assim que, em Tucídides, Xenofonte, Tito Lívio, Tácito, e entre nós em Bossuet<sup>41</sup> e Voltaire, reconhece-se sempre uma abundância que se administra, um calor que se tempera, uma força que se contém e que regula seus movimentos; enquanto nos escritores a quem falta o nervo e o vigor da eloquência, o que chamam de sobriedade na expressão não passa de indigência; o que chamam de contenção não passa de moleza e languidez.

O verdadeiro mérito do estilo da *história* será então o de se acomodar a seu sujeito e a seu objeto. Esses detalhes interessantes das *Vidas* de Plutarco seriam insustentáveis em uma história geral da Grécia ou da Itália. Essa bela simplicidade dos *Comentários* de César teriam sido de grande aridez nas *Décadas* de Tito Lívio. A suntuosidade da linguagem de Tito Lívio teria sido faustosa nas *Memórias* de César. O Cardeal de Retz<sup>42</sup> soaria ridículo se houvesse assumido

<sup>41</sup> Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704): escritor e pregador francês, defendia a Igreja Católica francesa dos ataques protestantes. Famoso pela elevada qualidade estilística de seus sermões, escreveu também uma obra histórica, *Discurso sobre a história universal* (1681).

<sup>42</sup> Jean François Paul de Gondi, cardeal de Retz (1613 - 1679): diretamente envolvido com a Fronda e inimigo de Mazzarino, o cardeal de Retz é preso em 1652 e escapa em 1654, reconciliando-se com a corte francesa em 1662. Foi correspondente de Madame de Sévigné e escreveu nos últimos anos de vida suas *Memórias* - provavelmente é a esta obra que Marmontel se refere.

o tom grave e sentencioso do presidente de Thou,<sup>43</sup> ou se tivesse descrito a Fronda<sup>44</sup> no estilo que convinha às revoluções romanas.

Em uma palavra, em seu tecido, mesmo no mais unido, o estilo da história deve ser simples, com dignidade, e de um natural igualmente distanciado da afetação e da negligência, do empolamento e da baixeza; e ele tanto rejeita essas hipérboles de Florus<sup>45</sup> quando nos diz que os navios de Antônio fazem gemer o mar e fatigam os ventos; e de César, que o Oceano, mais tranquilo e mais favorável, havia deixado passar, da Inglaterra às margens da Gália,<sup>46</sup> como que reconhecendo que não podia lhe resistir; e de Lúculo, que parecia que, tendo feito aliança com o mar e com as tempestades, deu-lhes a frota de Mitrídates para combater e dispersar; e de Camilo,<sup>47</sup> que a inundação do sangue gaulês havia extinto em Roma todos os restos do incêndio; tanto, digo eu, a gravidade do estilo da história rejeita essas extravagâncias, quanto sua dignidade recusa a linguagem comum, o tom burguês, as frases proverbiais dos escritores, que, entre nós, parecem haver travestido a história com o intuito de degradá-la, como nessas expressões que Voltaire anotou: *O general perseguia a vanguarda de sua armada. Os inimigos foram completamente batidos. Eles fugiram desabaladamente. Ele se presta a proposições de paz, após haver cantado vitória. As legiões posicionaram-se diante de Drusus de modo displicente. Um soldado romano se vende a dez ases<sup>48</sup> por dia, corpo e alma.* Certamente não era assim que os antigos escreviam a história: não apenas nas coisas comuns eles se apresentavam com decência, mas muitas vezes nas grandes coisas, solicitados pela necessidade de exprimir vivamente um traço de caráter, um pensamento novo e ousado, seu estilo se elevava até o mais alto tom; é assim que Tácito pintou o susto de Calígula quando Tibério, que se acreditava morto, volta um momento à vida: “Caesar in silentio fixus a summa spe novissima expectabat”.<sup>49</sup> É assim que pintou o luto de Roma nos funerais de Germânico: “Dies modo per silentium vastus, modo ploratibus inquires”.<sup>50</sup> Plutarco do mesmo modo exprimiu como poeta o extremo a que foi reduzida Roma quando da

336

<sup>43</sup> Jacques Auguste de Thou (Thuanus) (1553 – 1617): historiador francês de intensa vida pública, foi conselheiro de estado, conheceu Michel de Montaigne e negociou com os protestantes o Édito de Nantes. Entre 1604 e 1608 publicou, em latim, a sua grande obra histórica, *Historia sui temporis*, em quatro partes, abrangendo a história da França entre 1545 e 1584. A segunda parte, que trata do massacre de São Bartolomeu, foi colocada pela Igreja no *Index Librorum Prohibitorum* em 1609, pois muitos julgavam que a simpatia do autor era direcionada aos protestantes.

<sup>44</sup> Fronda: revolta contra Ana da Áustria e Mazzarino que estourou em 1648, sob o reinado de Luís XIV.

<sup>45</sup> Publius Annius Florus (c. 70? – c. 140?): historiador romano que, em uma pequena obra, tratou do Império Romano sob Adriano (117-138).

<sup>46</sup> Gália: nome dado aos romanos aos territórios da Europa Ocidental ocupados pelos celtas, mais extensos do que o moderno estado francês.

<sup>47</sup> Mitrídates VI (134-63 a.C.): para refutar a divisão de poder imposta pelo pai, Mitrídates V, matou o irmão Cresto e a mãe Laódice em 112 a.C., conquistou a província romana da Ásia, massacrando os comerciantes romanos e dominou Atenas. Expulso dos Bálcãs pelos romanos em 82 a.C., resistiu ao general Lúculo, mas foi vencido por Pompeu em 66 a.C. Marcus Furius Camillus (c. 446 – 365 a.C.): soldado e homem de estado romano, considerado o “segundo fundador de Roma”, foi quatro vezes ditador de Roma e foi o responsável por grande aumento no poder e influência da cidade. Por algum tempo teve de se exilar de Roma, e Marmontel fará referência ao momento em que retorna do exílio.

<sup>48</sup> Claudius Drusus Germanicus (38 – 9 a.C.): filho da imperatriz romana Lúvia Drusilla com Tiberius Claudius Nero, irmão do imperador Tibério, casou-se com Antonia, filha de Marco Antônio e Otávia. Foi pai do imperador Cláudio e do general Germânico, avô de Calígula, e bisavô de Nero. Guerreiro muito popular entre os romanos, morreu jovem, em consequência de uma queda de cavalo. Ases: antigas moedas romanas, cunhadas em cobre.

<sup>49</sup> “César, em silêncio fixo, caído das alturas da esperança aguardava o pior”.

<sup>50</sup> “Tanto semelhante a uma solidão em que reinava um vasto silêncio, quanto repleta de tumulto e de gemidos”.

chegada de Camillus: "Roma estava na balança com a espada de Brennus"; e a revolução que opera seu retorno: "ele reconduz Roma a Roma".

Não deixo de modo algum de citar esses modelos por mais desesperantes que me pareçam; e a começar por mim mesmo, não cessarei de dizer àqueles que, ao escrever a história, querem se tornar interessantes para a posteridade, o que Horácio dizia aos poetas Latinos quando falava dos Gregos:

"Nocturna versate manu, versate diurna".<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> "Vire [as páginas] de noite, de dia". Isto é, estude sem parar.